

Dilema de mãe

MARIA FLOR CALIL



Descobri que meu filho, de 16 anos, tem um namorado. Sei que será um choque para meu marido, que nem desconfia. Converso primeiro com qual dos dois? Ou é melhor falarmos os três juntos?

Em primeiro lugar, é preciso entender que o fato de um adolescente ter um namorado (ou namorada) não significa que sua sexualidade já esteja definida. “Os jovens estão vivenciando hoje uma liberdade sexual inédita, talvez só comparável à dos hippies nos anos 1960”, afirma a psicóloga e psicanalista Vera Iaconelli, de São Paulo. O relacionamento do seu filho pode ser apenas uma experiência entre outras. Mas, se ele estiver de fato assumindo sua orientação sexual, é mesmo importante abrir caminho para o diálogo. Se tiver liberdade com o menino e quiser conversar com ele primeiro, sem problemas. Caso se sinta mais à vontade, comece a conversa pelo pai – tudo depende de como funciona sua dinâmica familiar. A ordem não importa, e sim cuidar

Pai e mãe devem rever os próprios preconceitos e ser, sobretudo, acolhedores. “Com o apoio familiar, tudo fica menos difícil”, afirma o especialista.

Claro, a aceitação nem sempre é automática. Desde a gestação, depositamos nos pequenos uma série de expectativas, que frustram os pais e prejudicam o desenvolvimento dos filhos. “Eles ficam impedidos de explorar a própria personalidade, gostos e orientação sexual”, diz a assistente social Heloísa Capelas, especialista em desenvolvimento humano e diretora do Centro Hoffman, em São Paulo. Procure manter distância das idealizações e aceitar seu filho como ele é. “Conversar é importante, mas com o cuidado de não rotulá-lo por estar apaixonado por outro menino”, finaliza Heloísa. ●

para que o diálogo seja absorvido pela família de maneira natural e transparente.

Nossa sociedade está em processo de mudança sobre as questões relativas à homossexualidade. Estamos experimentando uma grande evolução, e isso está refletido na legislação, que garante o respeito à diversidade. No entanto, o preconceito, a discriminação e a violência ainda persistem (o ataque à boate gay em Orlando, nos Estados Unidos, em junho passado, é um exemplo). “De alguma maneira, para a sociedade, ser homossexual é perder as credenciais masculinas e ser um homem desvalorizado”, aponta Marcos Nascimento, psicólogo e pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro. Até por essa razão, a família deve ser o local do cuidado, da proteção, do afeto e da segurança. “Muitos jovens terminam por viver a homofobia e a rejeição dentro da própria casa”, lembra Nascimento. Para evitar que isso ocorra, é necessário lidar de frente com a situação.



QUER SUGERIR TEMAS PARA A SEÇÃO? ENVIE SUA DÚVIDA PARA FALECOMCLAUDIA@ABRIL.COM.BR